Revista Educação, Ensino e Interdisciplinaridade em Foco (EdeinFo)

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ENCONTRO ENTRE ARTES VISUAIS E PEDAGOGIA NO ATELIÊ PINTANTE

Experience report: a meeting between visual arts and pedagogy in the painter's studio

Helena Gabrielly Rios de Sousa[1]
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil
Beatriz de Araújo Gurgel[2]
Instituto Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil
Luciane Germano Goldberg[3]
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo
O presente estudo objetiva relatar a experiência de duas graduandas, uma em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e outra em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará (IFCE), que atuaram em conjunto como atelieristas no "Ateliê Pintante" do Instituto da Primeira Infância (IPREDE), localizado em Fortaleza-CE, e que se inspira no ateliê de Arno Stern, referência que permeia este trabalho. A pesquisa, em formato de relato de experiência, investiga a relação entre educação e artes visuais a partir dessa atuação. O período analisado foi de março a junho de 2024, com sessões realizadas com crianças de 5 a 6 anos. Durante esse período, foram feitos registros em diários de campo, posteriormente compartilhados e discutidos, culminando no presente relato, que destaca os paralelos entre as duas atuações. Como resultado, observou-se que, apesar das áreas distintas, havia zonas de congruência que enriqueceram e possibilitaram esse encontro.

Palavras-chave: IPREDE. Jogo de pintar. Pintura. Primeira infância.

Abstract
The aim of this study is to report on the experience of two undergraduates, one in Pedagogy at the Federal University of Ceará (UFC) and the other in Visual Arts at the Federal Institute of Ceará (IFCE), who worked together as ateliers at the "Ateliê Pintante" (Painting Atelier) of the Early Childhood Institute (IPREDE), located in Fortaleza-CE, which is inspired by Arno Stern's atelier, a reference that permeates this work. The research, in the form of an experience report, investigates the relationship between education and the visual arts based on this work. The period analyzed was from March to June 2024, with sessions held with children aged 5 to 6. During this period, records were kept in field diaries, which were later shared and discussed, culminating in this report, which highlights the parallels between the two activities. As a result, it was observed that, despite the different areas, there were areas of congruence that enriched and enabled this encounter.

Keywords: IPREDE. Painting game. Painting. Early childhood.

[1]Universidade Federal do Ceará; Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente trabalha como atelierista no Ateliê Pintante do IPREDE. Lattes: http://lattes.cnpq.br/00000000000000. ORCID: https://orcid.org/0009-0007-6345-9061 *E-mail*: helenagabriellyrs@gmail.com
[2]Instituto Federal do Ceará; Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE e em Administração pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Atualmente trabalha como educadora na Pinacoteca do Ceará, é artista visual e arte-educadora. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9477377771379880. ORCID: https://orcid.org/0009-0005-0083-2901. *E-mail*: beatriz.araujo.gurgel@gmail.com.
[3] Universidade Federal do Ceará; Arte-Educadora. Doutora em Educação, mestre em Educação Ambiental e Licenciada em Artes Plásticas. Professora adjunta da Universidade Federal do Ceará. Líder do Diretório de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA). Coordenadora do Ateliê Pintante. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9917247618926283. ORCID. https://orcid.org/0000-0002-4140-3864.
E-mail: lucianegoldberg@ufc.br.

1. Introdução

O presente texto objetiva partilhar relato de experiência de duas graduandas, uma em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e outra em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará (IFCE), que atuaram em conjunto como atelieristas no "Ateliê Pintante" do Instituto da Primeira Infância (IPREDE), em Fortaleza-Ceará. O relato parte de uma pesquisa de natureza qualitativa a partir da metodologia de Arno Stern, abordando seu histórico e pilares e de uma pesquisa de campo realizada entre os meses de março a junho de 2024, com um grupo de crianças de 5 a 6 anos em extrema vulnerabilidade social, tendo como instrumentos de pesquisa a observação participante e o registro em diário de campo.

Nosso texto se organiza a partir desta introdução, com uma breve apresentação do *lócus* da pesquisa, o Instituto da Primeira Infância (IPREDE) e do projeto Ateliê Pintante, fruto do projeto de de extensão Extensão da UFC "Ateliê de Pintura Livre do Iprede: educação criadora na primeira infância", que compõe o Programa de Extensão "Ateliê do Iprede", parceria instituída desde 2017 entre o IPREDE e a UFC através e Instituto de Cultura e Arte (ICA) e a Faculdade de Educação (FACED) da UFC. Na sequência apresentamos Arno Stern, a principal referência do Ateliê Pintante e aspectos e princípios do Jogo de Pintar, seguido dos relatos das graduandas com suas percepções, observações e experiências como atelieristas e as considerações finais.

Contextualizando nosso *lócus*, o Instituto da Primeira Infância (IPREDE) é uma Organização da Sociedade Civil (OSC), fundado em 1986, na cidade de Fortaleza-CE, idealizado a partir do desejo de atuar diretamente com a questão da desnutrição infantil, bem como a vulnerabilidade social e econômica enfrentada por essas crianças. A partir daí, o instituto foi se desenvolvendo, tornando-se um centro de referência na área da infância, atuando como um espaço de ensino, produção e disseminação de conhecimentos técnico-científicos, ampliando-se para além da questão da desnutrição infantil, propondo uma visão ampla e multidisciplinar de saúde na primeira infância[4].

[4] Fonte: https://iprede.org.br/nossa-historia/

> Desde a sua fundação até os dias de hoje, a instituição passou por várias modificações. Seu foco de atendimento são crianças com taxas nutricionais baixas, mas além disso, conta com uma equipe multidisciplinar e desenvolve vários programas de referência no desenvolvimento da primeira infância (Larripa, 2020, p.17).

O IPREDE se destaca, desde então, por promover a produção e a valorização cultural das famílias e crianças que são assistidas pela instituição em suas variadas frentes de atuação, seja provenientes do Sistema Único de Saúde (SUS) ou da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Fortaleza. Em busca de proporcionar um atendimento integral, o IPREDE tem o "alumbramento e a paz de espírito" (Montagner, 1993, s/p.) e a perspectiva estética e artística como um dos pilares no seu regimento, compreendendo o campo das percepções, sensações, beleza, sensibilidade e encantamento como fundamental para a formação humana (IPREDE, 2024):

> Com uma visão holística da infância, empreendida através de projetos, programas e serviços, o Iprede é um centro de referência sobre a primeira infância. Neste sentido, uma vez que a Arte colabora para que as pessoas possam elaborar conhecimentos sensíveis e inteligíveis de forma complementar, a educação e a experiência estética tornam-se fundamentais nos processos de autoconhecimento das famílias, nas interações sensíveis com o mundo e, também, fomentam vivências geradoras de sentidos (Silva et al, 2019, p. 9).

É nesse cenário, que em 2017 surge o projeto "Ateliê do IPREDE" como um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenado pela Profa. Dra. Carolina Vieira, professora do Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto de Cultura e Arte (ICA), em colaboração com o Prof. Dr. Pedro Henriques, também do curso de teatro, e a Profa. Dra. Luciane Goldberg da Faculdade de Educação (FACED). O projeto é realizado no instituto, com o objetivo de promover atividades artísticas, estéticas e pedagógicas para as crianças atendidas, inicialmente era realizado pelas professoras Carolina Vieira, do curso de teatro, e Luciane Goldberg, das artes visuais e pedagogia, seu formato era pensado a partir de contação de histórias que prosseguia a uma atividade de desenho, atendendo ao objetivo geral do projeto que era

> [...] colaborar com o Iprede através da elaboração de um *modus operandi* que privilegie a experiência estética e singular (Dewey, 2010) no campo pedagógico (Larrosa, 2014) na primeira infância, tendo como local de atuação o ambiente de acolhimento desta instituição (Silva *et al.* 2018).

A partir dessa experiência, o projeto Ateliê do IPREDE foi crescendo e se ramificando em subprojetos, se configurando atualmente como um Programa de Extensão da UFC. Dentre os projetos criados que compõem o programa, está o "Ateliê de Pintura Livre do Iprede: educação criadora na primeira infância", idealizado em 2019 pela Profa Luciane Goldberg e inspirado no educador alemão Arno Stern, atualmente denominado "Ateliê Pintante", que tem como objetivo geral "Promover a educação criadora na primeira infância através da pintura livre com crianças e familiares atendidos pelo Instituto da Primeira Infância – Iprede" (Goldberg, 2020).

2. Arno Stern e o Jogo de Pintar

Antes de iniciar as atividades no ateliê, foi necessário conhecer detalhadamente a proposta e a metodologia adotadas. O Ateliê Pintante do IPREDE tem como principal inspiração Arno Stern, um judeu alemão refugiado na França aos 11 anos de idade durante a 2a Guerra Mundial, em 1935. Aos 22 anos, Arno Stern iniciou seu trabalho quando foi convidado para a Casa da Criança, uma instituição que abrigava órfãos da guerra em 1946. Lá, começou a trabalhar com pintura com crianças e a observar atentamente seus processos criativos. Com um olhar sensível e, atendendo às necessidades das crianças, Stern desenvolveu um ateliê de pintura com características singulares, denominado de *Closlieu*, palavra francesa, que significa 'lugar fechado', ou 'lugar abrigado', um tipo específico de ateliê de pintura, seguindo metodologias próprias baseadas na proposta de um "jogo de pintar". Nas palavras de Stern:

> O atelier parece uma célula. As suas quatro paredes têm grande importância. Constituem superfície útil não se deve perder uma parcela sequer à volta da sala. Portanto, nada de espaço vazio, nenhuma abertura inútil, o que quer dizer supressão obrigatória de todas as janelas. É indispensável criar um espaço fechado. As razões são de duas espécies; razões práticas, primeiro porque isto permite usar a maior superfície possível; razão mais subtil, é preciso criar um espaço denso, uma célula cujo ambiente de segurança lembre a da bolsa pré-natal (Stern, 1978, p. 68).

Desta forma, fisicamente, o *Closlieu* é caracterizado por ser um espaço fechado, com paredes e janelas cobertas por um papel de cor parda. No centro do ateliê, há uma mesa-paleta com 18 cores sequenciadas de acordo com as tonalidades presentes em um arco-íris, que de acordo com Arno Stern (1978, p.53):

> [...] é um móvel composto por prancha de dois metros de comprimento e 20 centímetros de largura, furada por 18 buracos para o encaixe dos copos fundos (água) e, paralelamente a estes, uma segunda fila de 18 buracos recebendo outros tantos 'godets' rasos (pintura). Entre estes buracos e perpendicularmente ao comprimento da mesa, umas ripas com ranhuras chamadas porta-pincéis, também em número de 18. O tampo é sustentado por dois pés com cerca de 60 centímetros de altura. Em baixo, entre os pés, há uma grande prateleira para os frascos de tinta.

Acompanham as tintas, 36 pincéis, sendo 18 com cerdas mais finas e os outros 18 de uma maior grossura, sendo dois pincéis dispostos para cada cor. De acordo com Roduit (2016) a disposição simples do espaço permite que as pessoas se sintam rapidamente à vontade, consigam assimilar as informações e assim possam se sentir seguras para experimentar a pintura livremente (Figura 1).

Figura 1: Arno Stern em seu ateliê *Closlieu* em Paris.



Fonte: https://eipmh.com/joyful-as-painting-child-an-evening-with-arno-stern/.

Importante destacar que objetivo do *Closlieu* de Arno Stern não é formar artistas, ensinar e repassar técnicas da pintura para seus participantes, mas "criar uma disposição e condições nas quais a criança se torna capaz de aperfeiçoar faculdades criadores de que está provida naturalmente, e desenvolvê-las a um ponto extremo que lhe permitam exprimir-se totalmente" (Stern, 1978, p. 34). O intuito do ateliê é que as crianças, consigam se conectar consigo e expressar o que querem e o que sentem vontade, explorando suas faculdades sensoriais, uma das grandes virtudes da educação artística, como grifa Stern (1974).

A partir daí, começa o chamado Jogo de Pintar, em que as crianças são convidadas a pegarem uma folha, escolhendo o local na parede que gostariam de

pintar e, com a ajuda do *Servant* (do francês “servidor”), como é chamado o atelierista dentro do Jogo de Pintar, o papel é fixado na parede e ela pode dar início ao seu processo criativo através da pintura. Ela é livre desde a escolha do espaço até a escolha das cores, como vai ocupar a folha, o que vai pintar, que técnicas vai usar. É um espaço de livre expressão. Sendo assim, o “Jogo de Pintar” proporciona para os seus jogadores uma liberdade de não atender expectativas e demandas externas pois ele dita as regras do que acontece em sua folha de papel, propiciando uma experiência boa para si. Imerso nesse lugar, a pintura perde esse peso de “obra de arte” e passa a significar um prazer, um deleite, uma experiência sensorial, estética para quem a cria (Stern, 1978).

Atualmente, o IPREDE conta com uma Estação de desenho e pintura, que possui três salas de ateliê que seguem o padrão do ateliê de Stern, implementadas no instituto, originalmente, pela arte/educadora Soraya Lucato, que estudou diretamente com Stern no seu *Closlieu* em Paris. Adaptado à realidade da instituição, fisicamente as paredes são revestidas com placas de EVA cobertas por papel kraft (imagem 1). No centro de cada sala, há uma mesa com 18 opções de tinta e um recipiente com água para cada cor. Antes de cada sessão, são dispostos 36 pinceis sobre a mesa, dois ao lado de cada cor. Durante as sessões, folhas de papel tamanho A3 são fixadas à altura dos olhos dos participantes, proporcionando conforto durante o processo. Além disso, há disponibilidade de banquinhos e almofadas para os participantes que preferem pintar sentados ou até deitados.

Figura 2: Ateliê Pintante. Registro de uma das salas de ateliê do IPREDE.



Fonte: Acervo do Ateliê Pintante, 2024.

Além dos cuidados com a estrutura e materiais, também são fornecidas instruções aos responsáveis pelas sessões, que desempenham o papel de *"servant"* no ateliê. Eles estão lá para atender e servir os participantes, garantindo um ambiente propício ao processo criativo.

No Ateliê Pintante do IPREDE, o *"servant"* tem a responsabilidade não apenas de garantir as condições adequadas para o Jogo de Pintar, mas também de abster-se de julgamentos sobre a beleza das pinturas ou qualquer avaliação que possa interferir no processo de criação e expressão dos participantes. Comentários como 'Que linda pintura!' ou quaisquer juízos de valor sobre as produções podem induzir a pinturas específicas, provocar comparações indesejadas, ou influenciar de outras maneiras o processo de livre expressão.

A seguir partilhamos aspectos da pesquisa de campo e os relatos de duas atelieristas sobre suas experiências enquanto graduandas de Artes Visuais e Pedagogia, no interior do Ateliê Pintante.

3. Vivendo o ateliê enquanto "Servant" (atelierista): relatos de experiência

O presente estudo se baseia na nossa atuação enquanto *"Servant"* no Ateliê Pintante do IPREDE. Iniciamos com a preparação para a atuação no ateliê, que envolveu o estudo inicial sobre o IPREDE, seu histórico e suas práticas, assim como o estudo do ateliê de Arno Stern (2024), utilizado como referência para o Ateliê Pintante. Além disso, foram realizadas participações em reuniões e formações com a equipe que já estava presente no local.

Após essa fase inicial, passamos à atuação no ateliê, assumindo a responsabilidade pelas sessões enquanto atelieristas. Para este relato, foram considerados os atendimentos realizados nas turmas de segunda-feira no Ateliê Pintante do IPREDE, durante os meses de março a junho de 2024 com grupos de crianças com idades entre 5 a 7 anos de idade. Como procedimentos a Observação Participante nas sessões, seguidas de registro em Diário de Campo. Após cada sessão, foram elaborados relatórios que registraram as experiências vivenciadas no ateliê durante esse período. Posteriormente, essas experiências foram compartilhadas e discutidas, com o objetivo de estabelecer um paralelo com os referenciais teóricos estudados previamente e encontrar as semelhanças e diferenças das experiências vivenciadas.

Ao longo do período mencionado, vivenciamos diversas experiências dentro do espaço do ateliê, seja pela observação dos participantes, seja pelo confronto com nossa própria atuação. Apresentaremos aqui um pequeno recorte das experiências vivenciadas a partir da perspectiva de nossas diferentes áreas de atuação, Artes Visuais e Pedagogia, que possibilitaram uma rica troca durante todo o processo.

Um primeiro registro que fizemos acerca de uma situação que chamou nossa atenção foi quando presenciamos juntas o processo de criação da pintura azul em destaque na Figura 3. Segundo a narrativa da criança autora, inicialmente, retratava uma piscina em uma casa, que gradualmente foi coberta pelo azul, transformando-se em um grande mar. Posteriormente, ela foi acrescentado à imagem a figura de um sol e, por fim, uma grande onda, que engoliu o sol. Assim, o papel foi completamente pintado de azul.

Segundo Stern (1974), entende-se que:

> A criança vive o presente numa dimensão extremamente restrita. [...] Por vezes na criança a casa desaparece sob o boneco que lhe sucede; ela deixou de existir no minuto seguinte à nascença, já não está no presente. O quadro é assim um écran no qual se representam aventuras; não é para a criança um objeto belo ou obra preciosa (Stern, 1974, p.21).

Acompanhamos a construção dessa narrativa, onde a criança pintava com entusiasmo, narrando a construção e transformação dos elementos no papel. No entanto, para alguém que não acompanhou o processo, o resultado final poderia ser percebido apenas como uma folha coberta pela cor azul.

Figura 3. Pintura em azul



Fonte: Acervo pessoal. 2024.

3.1. Relato Helena

Inicio esse relato pontuando o grande desafio que é ser uma pedagoga em formação atuando numa instituição que pertence ao terceiro setor e dentro de um ateliê de pintura livre. Digo que é desafiador pois, apesar do currículo do curso de pedagogia ofertar disciplinas e estágios em espaços não escolares, o enfoque da formação ainda está na escola. Além disso, as ações e o trabalho realizado por um *servant* estão longe da instrução e do ensino.

Apesar disso, entendo que a pedagogia me capacita num trabalho muito mais subjetivo e sensível. Estar, de fato, presente para as crianças durante as sessões, realizar escutas de suas narrativas e pinturas e, acolher quando preciso, demanda uma formação mais humana. Durante esse período, por vezes, me amedrontei e calculei minhas ações, passos e falas para que não corresse o risco de "pedagogizar" alguma coisa dentro daquele espaço. Porém, compreendo hoje, que as sessões fluíam mais quando eu oferecia algum tipo de segurança, estímulos, acolhimento e presença para as crianças. Penso que poucas formações oferecem e oportunizam esse tipo de olhar e, por essa razão, acredito que a pedagogia pode e deve estar presente nesse lugar abrigado.

Realizando um trabalho conjunto com uma estudante de artes visuais durante quatro meses com as crianças que vinham à instituição receber atendimentos nas segundas feiras, a troca de experiências, aprendizados, bases teóricas e vivências em suas respectivas áreas foi bastante rica. Percebemos em que pontos nossas formações se encontram e onde elas se divergem. Com diferentes perspectivas e olhares, fomos tocadas de diversas maneiras durante as sessões a partir do vínculo com as crianças.

Estávamos, eu e Beatriz, num ambiente desconhecido, com crianças que ainda íamos conhecer, oferecendo um atendimento completamente diferente do que propomos em uma sala de aula em experiências passadas de estágio, por exemplo. Enfrentando o desafio e desenvolvendo a nossa *persona 'servant',* partilhamos nossas limitações, angústias e medos na execução do trabalho dentro de um espaço criado com uma metodologia tão assertiva. Compreendemos que, adaptações precisavam ser feitas, visto que o ateliê funciona de uma forma diferente conforme o grupo presente no espaço, seus comportamentos e ações, sua bagagem cultural, social,

histórica e afetiva. Algumas crianças precisavam de mais estímulos, outras chegavam com suas ideias e narrativas montadas a partir do que viveram no caminho à instituição, por exemplo.

Através dessa sensibilidade, entendendo até onde poderíamos intervir, foi possível construir um ambiente seguro e confortável para as crianças. Acredito que ambas as formações favorecem esse olhar para essas questões mais humanas a partir do trabalho com laços e vínculos. Stern fomenta:

> Um bom educador, por causa da sua atitude ao mesmo tempo firme e afetuosa, cria o clima ativo que favorece a expressão, não havendo assim necessidade de meios artificiais para desencadear a produção (Stern, 1974, p. 19).

Desse modo, entendendo o jogo, suas regras e apresentando às crianças, conseguimos equilibrar muito bem as sessões e o jogo acontecia a partir das interações com a mesa, escolha das cores, como elas seriam distribuídas no papel, se teriam significado ou não. Assim, o jogo acontecia de forma natural, sem pressão ou pretensão de algo.

As sessões fluíam e a partir da expressão, conheci e me aproximei ainda mais das crianças. Fomos observando que algumas preferem experimentar as cores no papel, outras traziam sempre os numerais que provavelmente estavam aprendendo na escola, enquanto algumas outras contavam histórias a partir de suas criações, dando vida ao papel diante de tanto dinamismo e reviravoltas. Apesar de ser um lugar fechado, abrigado, não podemos ignorar ou esperar que as crianças deixem suas bagagens do lado de fora. Elas, inclusive, conversavam bastante sobre suas vidas, rotinas, o que aprenderam, o que consumiam e essas narrativas também eram representadas em suas pinturas.

Existe, então, uma escuta que está para além do sentido da audição. Como denota Stern (1974), a expressão possui uma função precisa que é a de formular o que não pode ser dito verbalmente. Entender a expressão através da pintura como linguagem proporciona uma maior liberdade à criança de comunicar suas vontades, necessidades, desejos, frustrações e lamentações de uma maneira única e que a pertence. Ao se apropriar dessa linguagem, ela é capaz de compreender melhor a si mesma. Proporcionar esse espaço para que a criança explore seus sentidos, sem repressão, simboliza um respeito ao que a criança tem a "dizer" em suas pinturas. Assim, ao respeitar a sensibilidade de uma criança, prepara-se um futuro melhor.

3.2. Relato Beatriz

Minha atuação dentro do ateliê foi fortemente influenciada pelas referências de minha graduação em andamento no curso de Licenciatura em Artes Visuais, bem como pelas minhas experiências profissionais na área, onde atuo desde 2017 como artista e arte/educadora em contextos não formais e informais. A partir dessa perspectiva, algumas das proposições do ateliê chamaram minha atenção, seja pela aproximação ou pelo distanciamento de conceitos estudados na minha área de atuação.

Trabalhar com o ensino de arte, um campo repleto de subjetividades, apresenta o grande desafio de encontrar meios e metodologias para compartilhar conteúdos, saberes e propostas com objetivos, por vezes, técnicos ou teóricos, sem cercear o processo criativo e expressivo dos participantes, acolhendo as individualidades de cada um.

No Ateliê Pintante, nosso objetivo era possibilitar um espaço onde as crianças pudessem experimentar livremente seu potencial de criação e expressão. Recebemos orientações sobre como deveríamos conduzir nossas atividades no ateliê enquanto *servants*. Entre outras recomendações para garantir a construção de um espaço seguro, fomos instruídas a não elogiar as produções realizadas, a fim de evitar a atribuição de juízos de valor às pinturas, evitando assim qualquer influência sobre o processo criativo e expressivo.

No entanto, durante nossa atuação no ateliê, percebemos que algumas crianças nos mostravam suas produções em busca de validação. O que fazer nessas situações? Evitávamos dizer que a pintura era "bonita", como elas esperavam. Ao longo do processo, aprendemos estratégias para responder a essas demandas sem reforçar modelos ou incentivar a busca por aprovação. Devolvíamos a pergunta à criança: "Você gostou? Você está satisfeita?" Ou então, procurávamos estabelecer um diálogo sobre a pintura, seus elementos e as cores utilizadas. Esse exercício foi particularmente difícil, mas importante para possibilitar que aquele espaço fosse um lugar onde as crianças pudessem experimentar o feio, o triste, o esquisito, ou qualquer outra coisa que uma pintura pudesse ser, além de apenas bonita.

A pintura em azul (figura 3) citada anteriormente, por exemplo, ao ser apresentada sozinha, não revelaria toda a trajetória de sua construção. Um

comentário como "que linda pintura!" reduziria a significância de toda a narrativa construída ao resultado final, sem abarcar a dimensão do processo de criação daquela pintura. Em outras situações, por exemplo, a pintura pode não retratar cenas bonitas ou agradáveis, o que não diminui a importância de sua feitura. Para a experiência do ateliê, o mais importante é permitir a livre expressão dos participantes, independentemente de atingir qualquer resultado estético.

Apesar de compreender que, no campo do ensino em arte, outros aspectos também são relevantes, como os aspectos técnicos, históricos e socioculturais, a expressão, criação e experimentação são igualmente intrínsecas às artes visuais. Portanto, as estratégias aprendidas com a atuação no ateliê e com o contato com as crianças contribuíram para minha prática profissional também fora do ateliê enquanto arte/educadora, ajudando a encontrar caminhos para lidar com alguns dos desafios dessa profissão. Enquanto isso, contribuía no ateliê com meus conhecimentos da minha área de atuação, mas, sobretudo, com o meu olhar atento e respeitoso para com as crianças.

Para Stern (2024) a produção no ateliê não pode ser considerada arte, nem há a intenção de ensinar arte dentro do ateliê, justamente para livrar a produção das expectativas que existem sobre uma produção artística. No entanto, diversos elementos criavam interseções entre o que fazíamos no ateliê e o universo das artes visuais, desde o processo de criação mencionado anteriormente, que também ocorre na realização de uma produção artística, até os materiais utilizados.

Apesar de não ser o objetivo do ateliê ensinar nenhuma técnica de pintura, o processo de manuseio e experimentação dos materiais possibilita também o aprendizado. Ao longo dos meses de atuação no ateliê, acompanhamos a trajetória das crianças se familiarizando com o espaço, com os materiais e seu uso, descobrindo como chegar a novas cores, atingir determinados resultados e, assim, desvendarem suas próprias técnicas de pintura, mesmo que não tenham sido ensinadas diretamente.

Fui observando atentamente as descobertas acontecerem, desta vez, diferente do habitual, sem intervir.

4. Considerações finais

Durante o período em que atuamos de forma conjunta no ateliê encontramos desafios e encantamentos diversos. A possibilidade do encontro entre as áreas permitiu que houvesse trocas muito ricas a partir das duas perspectivas. Conversando percebíamos questões que eram mútuas e questões que eram distintas também, no diálogo chegávamos a soluções conjuntas e assim foi possível construir no ateliê um lugar de acolhimento, respeito e criação.

Assim, as formações se divergem, mas se encontram ao reconhecer a importância de um pilar estético e a valorização da pintura como uma forma de expressão e linguagem das crianças. Na construção de um espaço seguro e confortável, adentramos no universo particular de cada criança que ali pintou e nos sensibilizou.

REFERÊNCIAS

ARNO.Site oficial do Arno Stern. 2024. Disponível em: <https://arnostern.com/about-arno-sters/?lang=fr> Acesso em: 18 maio 2024.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Projeto de Extensão Ateliê de Pintura Livre do Iprede: educação criadora na primeira infância**, Universidade Federal do Ceará - Pró Reitoria de Extensão, 2020.

IPREDE. **Site oficial do instituto**. 2024. Disponível em: <https://iprede.org.br/quem-somos/> Acesso em: 18 maio 2024.

LARRIPA, Tamara Queiroz Bezerra. **Ateliê do IPREDE: contribuições da arte e da formação estética para crianças em situação de vulnerabilidade social.** Orientadora: Ercília Maria Braga de Olinda. 2020. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação) PPGE/UFC, 2020.

MONTAGNER, Hubert. O carinho que ensina (entrevista). **Revista Época**, 2010. Disponível em: https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT159694-15228-159694-3934,00.html. Acesso em: 1 julho 2024.

RODUIT, Karen. **"Pédagogie" Arno Stern:quelle application en structure d'accueil?**. 2016. Tese de Doutorado. École supérieure-Domaine social Valais.

SILVA, Carolina Vieira; GOLDBERG, Luciane Germano; PINTO, Pedro Arnaldo Henriques & LARRIPA, Tamara Queiroz Bezerra. Ateliê do IPREDE: experiência e educação estética no terceiro setor. **Extensão em Ação**, 2019. Disponível em: http://periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/33543#:~:text=Este%20relato%20de%20experi%C3%AAncia%20tem,educa%C3%A7%C3%A3o%20est%C3%A9tica%20no%20terceiro%20setor. Acesso em: 1 jul. 2024.

STERN, Arno. **Aspectos e técnicas da pintura de crianças**. [S. l.]: Livros Horizontes, 1974.

STERN, Arno. **Uma nova compreensão de arte infantil.** [S. l.]: Livros Horizontes, 1974.

STERN, Arno. **Iniciação à educação criadora**. Lisboa: SOCIOCULTUR, 1978.